

SUMÁRIO

Introdução	7
------------------	---

Primeira parte:

SAUSSURE E A SEMIOLOGIA

CAPÍTULO I: Oposições inextricáveis	15
CAPÍTULO II: O projeto científico	35
CAPÍTULO III: A singularidade lingüística	48

Segunda parte:

DO LINGÜÍSTICO AO SEMIOLINGÜÍSTICO

CAPÍTULO I: L. Hjelmslev ou o modo de concretizar por meio da abstração	71
CAPÍTULO II: Dos formalistas russos aos estruturalistas de Praga	98

Terceira parte:

DO SEMIOLINGÜÍSTICO AO SEMIÓTICO: A ESCOLA DE PARIS

CAPÍTULO I: Semântica estrutural ou a primeira síntese	128
CAPÍTULO II: Os percursos de transposições dos conteúdos ou a segunda síntese	135
CAPÍTULO III: Rumo a uma terceira síntese	146
Conclusão	150
Bibliografia	154
Índice de nomes	157

INTRODUÇÃO

I. Em 1967, a *Information sur les sciences sociales*¹ inaugurou uma coluna sobre as “pesquisas semióticas” aberta a todas as correntes que então começavam a se impor. Um ano antes, Roman Jakobson estimulara a criação de uma Associação Internacional de Semiótica, no quadro de um colóquio organizado em Kazimierz, na Polônia, sob os auspícios da Unesco. A partir de 1969, a coluna “Semiótica” desapareceu do sumário da *Information sur les sciences sociales* e se metamorfoseou, na mesma editora, em uma poderosa revista internacional, *Semiotica*. Ela se tornou uma tribuna para a filosofia semiótica², onde podiam ser expressas reflexões provenientes do mundo todo. Em contrapartida, essa nova revista não concedia quase nenhum espaço à teoria semiótica, que constituía um processo de acumulação de conhecimentos de tipo radicalmente novo,

¹ Revista publicada pelo Conselho Internacional de Ciências Sociais com apoio da Unesco e da 6ª Seção da École Pratique des Hautes Études.

² O leitor poderá fazer idéia dessa filosofia semiótica por meio dos breves desenvolvimentos de alguns de seus temas por Umberto Eco, especialmente em *Le signe*, Bruxelas: Labor, 1988, pp. 151-206.

no prolongamento dos trabalhos de lingüistas como Saussure em Paris e em Genebra, ou Beaudouin de Courtenay e Kruszewski na Rússia.

Essa quase-exclusão era um exemplo das consideráveis dificuldades de difusão pelas quais viria a passar (e pelas quais ainda hoje passa) a teoria semiótica de inspiração semiolingüística. Não há dúvida de que seria útil tentar relatar esse estado de coisas. Mas, por essa via, entrar-se-ia em pormenores de uma história da semiótica que se confundiria parcialmente com a história social e ideológica do século XX, correndo provavelmente o risco de perder de vista um certo encadeamento de esforços conceituais e de descobertas maiores nos quais se lê a outra história da semiótica, a da teoria semiolingüística, que é o nosso principal objetivo nesta exposição.

II. Seria prematuro pensar em uma história conceitual da teoria semiótica? Mesmo supondo que as decisões de Kazimierz, em 1966, se limitaram a dar maior visibilidade internacional a uma corrente de estudos que se iniciara de fato várias décadas antes — em vários lugares do mundo ao mesmo tempo — e que já estava se inscrevendo na duração histórica, esses poucos anos de pesquisas dispersas, frágil saber em seus primeiros tempos, mereciam tanta consideração? Não era muito cedo para se fazer idéia do real valor desses tão difíceis enunciados acerca das formas da significação? A componente mais desenvolvida dessa teoria semiótica, os trabalhos de A. J. Greimas e da Escola de Paris, não animavam muito a se lançar em um balanço de tipo histórico, dado que, em perpétuo devir, essa teoria

multiplicava seus próprios questionamentos. *Du sens II*, publicado em 1983, não se pretendia a negação do outro *Du sens*, publicado em 1970? Greimas concluía sua introdução nos seguintes termos:

“Tudo se passa como se, diante do esgotamento do valor heurístico de alguns conceitos instrumentais, um novo projeto, a construção de uma sintaxe semiótica modal, capaz de criar suas próprias problemáticas e de definir seus novos objetos semióticos, já estivesse pronta, depois de dez anos de esforços coletivos, a tomar seu lugar. Trate-se de uma crise de crescimento ou de um retorno decisivo, um novo rosto da semiótica vai pouco a pouco se desenhando”.

A morte de A. J. Greimas, em fevereiro de 1992, terá paralisado esse esforço teórico em uma fase de suspense bem enigmático, o que, em certo sentido, complica a tarefa de um eventual historiador da semiótica e, em outro sentido, convida desde logo a voltar a interrogar o passado dessa pesquisa, seus antecedentes, seus precursores, a fim de tentar elaborar, se não uma história da semiótica, ao menos uma periodização de suas bases teóricas. Reposta assim em perspectiva, a obra de Greimas e de seus alunos se inscreve em uma evolução de mais de cem anos, a partir de *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues européennes*, publicado por Saussure em 1879.

III. Acreditávamos que, mesmo sem esperar ir ao fundo desses eventos de pensamento que têm toda a imprevisibilidade, mas também toda a imperiosa necessidade das verdadeiras aberturas intelectuais, poderíamos ao menos procurar *narrar* (misturando traços de biografia individual e de perspectivas sobre a história das idéias e dos grupos) o modo com que

foram forjados e encadeados alguns dos grandes conceitos operatórios que mudaram tudo o que se sabia sobre os fenômenos de significação. Apresentamos particularmente a biografia intelectual de Saussure, de modo bastante extenso, mesmo que a relação de um ou outro traço dessa vida do erudito com a semiótica não fosse imediatamente perceptível. Por que essas andanças heterodoxas fora da história crítica da teorização semiótica? Para que contar os tormentos do gênio negligenciado por seus pares ou contrariado pela história? Pareceu-nos que, no caso de semelhante surgimento de idéias tão radicalmente novas, era preciso optar por não separar as puras considerações conceituais de alguns episódios que manifestavam muito claramente a inspiração e as decisões que configuraram o contexto passional das descobertas racionais. Do mesmo modo, tentamos — quase simbolicamente, com a ajuda de alguns registros documentais — dizer algo dos conflitos e controvérsias que foram o contexto social dessas descobertas, a fim de que, ao menos pela imaginação, pudéssemos representar um pouco o que foi a *belle époque* das idéias sociolingüísticas, nas cercanias da Sorbonne, ou a revolução de Outubro na República das Letras, em Moscou e às margens do Neva. A exposição desse cenário não nos pareceu inútil, nem que fosse como compensação pela grande aridez dos movimentos de abstração e de formalização que passaríamos a relatar.

IV. Contrariamente, neste volume, as mais recentes pesquisas da Escola de Paris são consideradas mais resumidamente, sob a forma de uma periodiza-

ção sucinta, bem em acordo com as que o próprio Greimas muitas vezes propôs em sua obra³. Optamos, desse modo, por distinguir a perspectiva temporal do debate teórico em sua atualidade.

A julgar pela cronologia, parecerá paradoxal que C. S. Peirce, tão notável precursor das filosofias dos signos e do sentido, não apareça nessa *História concisa da semiótica*, visto ter sido ele contemporâneo de Saussure. O motivo dessa ausência é que, até tempos bem recentes, os trabalhos de Peirce não desempenhavam função⁴ alguma nos desenvolvimentos da pesquisa teórica de que se tratará aqui, ao passo que se assiste atualmente na Europa a um florescimento de leituras bastante aprofundadas (cf. *La sémiotique*, 3ª parte), que bem poderia provocar grandes consequências em toda a *semiosfera*. Por outro lado, a semiótica européia começa a romper as trincheiras críticas que eram espontaneamente levantadas contra ela nos Estados Unidos, vê-se refletida em uma leitura transatlântica e ganha uma nova inspiração nas interpretações que lhe são devolvidas. Contudo, tudo isso significa que, atualmente, uma exposição referente à tradição americana, como aliás o conjunto do atlas semiótico, encontraria mais naturalmente lugar em uma abordagem da semiótica conduzida de um ponto de vista teoremático e sincrônico e não

³ Cf., especialmente, *New Literary History*, vol. 20, n. 3, pp. 539-550, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1989.

⁴ Essa opinião é confirmada por todos os testemunhos, cf., especialmente, J. Martinet (conferências na Universidade de St. Andrews, Escócia, 1980) ou S. Harvey (*Semiotic Perspectives*. London, 1982, p. 8).

em uma breve tentativa de estabelecer a perspectiva temporal de um conjunto teórico homogêneo, cuja seqüência contínua pode ser seguida em um período de ao menos um século.

Não tenhamos ilusões: nos dias de hoje, uma verdadeira história da semiótica é impossível de ser feita. Basta pensar na lista de tarefas e de pesquisas que foram recentemente assinaladas como seus pressupostos obrigatórios pelos — talvez temerários — editores de uma coletânea de *História da semiótica*⁵. Acreditamos, contudo, que o dossiê que constituímos, seguindo a ordem histórica, contribui com perspectivas, com um esclarecimento novo e necessário ao que já podem saber da teoria semiótica aqueles que tendem, sobretudo, a pô-la em prática. Ele fornece igualmente uma verdadeira introdução, segundo a ordem de obtenção de conhecimentos, para os que ainda não tenham formação alguma em semiótica.

Essa forma de apresentação da teoria semiótica segundo a ordem histórica (que tem muito a pouco a ver com a sua história real, a qual certamente não seria escrita tão facilmente) seria impensável para uma ciência em sua maturidade. Ela é, ao contrário, mais que requerida por um projeto científico ainda no início e que, na verdade, tem apenas pouquíssimos tratados originais a mostrar.

⁵ A. Esbach, J. Trabant (orgs.), *History of Semiotics*, Amsterdam: Benjamins, 1983, p. 27. Nenhuma dessas tarefas recebeu, até hoje, uma realização satisfatória.